



**Universidade de Brasília**  
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

## **O USO DO NÓS E A GENTE NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO**

CARLÂNDIA IRINETE PEREIRA JACOBINA

BRASÍLIA, 2018

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, LINGUAS CLÁSSICAS E PORTUGUÊS- LIP

## **O USO DO NÓS E A GENTE NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO**

Carlândia Irinete Pereira Jacobina

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Linguística,  
Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília (UnB) como requisito  
parcial para a obtenção do grau de LICENCIADO EM LETRAS.

ORIENTADORA: Professora Doutora Ulisdete Rodrigues de Souza Rodrigues

BRASÍLIA, 2018

## RESUMO

A sociolinguística tem contribuído com o universo acadêmico por meio de inúmeros estudos relacionados ao processo de variação e mudança linguística. Este é mais um que somará aos demais para colaborar com esse ramo da ciência linguística. Neste ensaio, abordaremos o uso do **nós** e **a gente** no contexto universitário. O objetivo é investigar a percepção do falante culto sobre como e onde usa os pronomes em questão. Sabe-se que o **a gente** está se consolidando no português brasileiro. Nesse afã, buscamos compreender, por um lado, o processo de gramaticalização do **a gente**; e, por outro, centrar o estudo em pesquisa de avaliação para averiguar o nível de entendimento e reconhecimento que os falantes cultos detêm relativamente ao fenômeno focalizado. embasando essa pesquisa em trabalhos de importantes linguistas como Alkimim (2003), Votre (2008), Faraco (2008). No final desse estudo, entre outros aspectos, compreendemos que a variante **a gente** está em franco processo de vitória, na fala, frente à variante **nós**, mas que ela, ainda, não ocupou o espaço na escrita prestigiada, embora seja utilizada normalmente por falantes cultos e preferencialmente usada por não cultos. Diante disso, postula-se que será necessário mudança de paradigma para que essa forma, gradativamente, galgue a posição de destaque de que desfruta sua concorrente **nós** na fala e na escrita, vindo a se tornar uma variante de prestígio.

“Minha pátria é minha língua”

(Fernando Pessoa)

Sabe-se que o ato de falar é único e exclusivo do ser humano, que no decorrer da história pode incorporar ou retirar vocabulários do uso corrente no contexto social. A fala é um instrumento que tem na sua gênese natural o ato comunicativo, ela se faz de maneira dinâmica e evolutiva.

A Sociolinguística é a corrente da Linguística que estuda a evolução e dinamicidade das línguas e embora seja um ramo da linguística só em meados dos anos 60 que essa matéria se consolidou com os estudos de Willim Labov, ele propôs um modelo chamado *Sociolinguística Variacionista* ou *Teoria da Variação*. A sua área de atuação compreende questões que envolvem o ambiente de fala, concomitantemente, ao convívio social, nessa trajetória evolutiva da língua é importante frisar, que a compreensão se dá por meio de mecanismos estabelecidos pela sociolinguística, toda via entendemos que é necessário olhar diacronicamente com o objetivo de compreender os fenômenos linguísticos no momento em que eles acontecem (sincronia).

O presente estudo localiza-se dentro dessa área, que, ao longo dos anos, têm desenvolvido inúmeros estudos sobre o processo de variação e mudança linguística do português brasileiro, esses trabalhos visam compreender tais fenômenos em processo de gramaticalização. Para entender esse fenômeno é importante salientar que todas as línguas passam por esse processo, pois a língua é viva. O primeiro teórico a explorar o conceito de gramaticalização foi Miellet, (1912, p.130), em seu trabalho *Linguistique historique et linguistique généralé*, que o considerou como sendo o processo de mudança linguística no qual um termo lexical para um status gramatical.

Entre os trabalhos sociolinguísticos encontram-se, por exemplo, estudos que tratam da variação na concordância verbal e nominal, no uso dos pronomes **teu, seu e dele e nós e a gente**, sobre o qual pretende-se desenvolver a presente pesquisa. Como é sabido, há muitas reorganizações gramaticais em curso no português do Brasil.

Partindo do que foi dito, este trabalho vai tratar do uso do **nós** em variação com o **a gente** no ambiente universitário. A pesquisa visa entender se o vocábulo **a gente** é bem aceito na fala e na escrita. Ou se é estigmatizado na escrita e na fala, e quais os fatores que levam um falante a escolher uma forma variante em detrimento da outra.

Estruturalmente esse trabalho está organizado nas partes que se seguem. No item Introdução (1), relatamos um pouco sobre a relação da linguagem e sociedade e de como ambas estão, intrinsecamente, relacionadas.

Na parte do referencial teórico (2), são apresentados conceitos básicos da área da Sociolinguística e estudos realizados por importantes linguistas, que ao longo da carreira vêm contribuindo muito com o desenvolvimento da sociolinguística no Brasil. Na seção metodologia (3), serão contemplados o método da Teoria da Variação e Mudança Linguística, o ambiente, os informantes e o modelo dos questionários que serão desenvolvidos e utilizados para obtermos respostas para às questões que serão propostas, também observaremos o indivíduo em sua ação comunicativa e assim procuraremos atestar um juízo de valor relativamente ao uso de uma ou outra variante.

No item (4), que compreenderá a análise, serão discutidos dados de avaliação dos falantes obtidos nas entrevistas pesquisa. A finalidade principal é de contribuir com o desenvolvimento da sociolinguística e com os processos que envolvem a fala. Processos esse, que são motivados por vários fatores, como escolaridade, região, nível socioeconômico, idade dentre outros, como se verá no próximo item. E, no fim deste estudo, serão tecidas considerações finais. A seguir, então, conforme proposto, embasaremos esse trabalho com os referenciais

teóricos, observando o que a literatura científica vai dizer sobre o assunto em destaque nesse trabalho.

A sociolinguística é uma ciência que teve início no século XX que dialoga com várias áreas do conhecimento, tais como: antropologia, sociologia, psicologia entre outras. Essa ciência é um ramo da Linguística e estuda a linguagem no ambiente da comunidade de fala, basicamente, sua atenção está voltada para a investigação que correlacionam aspectos linguísticos e sociais.

No histórico do surgimento da Sociolinguística, Alkimin (2003) diz que “alguns linguistas têm ponto de vista divergentes a respeito da relação sociedade e fala”. É importante saber o que cada um deles diz a respeito desse engajamento natural da sociedade e a língua, pois só assim poderemos assumir um ponto de vista com base no que foi colocado pelos precursores dessa área de estudo. Faremos menção de alguns importantes linguistas, que fizeram história na Sociolinguística, tradicionalmente, contribuíram com seus estudos a respeito da sociedade no seu ambiente social comunicativo.

Alkimim (2003, p. 23) cita a posição/orientação de alguns autores com relação à evolução dos estudos linguísticos, dentre eles Schleicher:

A orientação biologizante que Schleicher imprimiu à Linguística da sua época afastou, evidentemente, toda consideração de ordem social e cultural no trato do fenômeno linguístico. A relação entre linguagem e sociedade, reconhecida, mas nem sempre assumida como determinante, encontra-se diretamente ligada à questão da determinação do objeto de estudo da Linguística. Isto é, embora admita-se que a relação linguagem sociedade seja evidente por si só, é possível privilegiar uma determinada óptica, e esta decisão repercute na visão que se tem do fenômeno linguístico, de caracterização.

Alkimim (2003, p.24), também, nos apresenta a seguinte informação a respeito dos pensamentos de Saussure o qual ela diz:

Saussure, institucionaliza a distinção entre uma Linguística Interna oposta a uma Linguística Externa. É essa dicotomia que dividirá, de maneira permanente, o campo dos estudos linguísticos contemporâneo, em que orientações formais se opõem a orientações contextuais, sendo que estas últimas se encontram

fragmentadas sob o rótulo das muitas interdisciplinas: Sociolinguística, Etnolinguística, Psicolinguística etc.

Embora Meillet fosse aluno de Saussure, ele diverge do ponto de vista do professor, em relação sociedade e fala, isso pode ser observado em seu estudo história do latim, *Esquisse d'une histoire de la langue latine*:

Ora, a linguagem é, eminentemente, um fato social. Tem-se, frequentemente, repetido que as línguas não existem fora dos sujeitos que as falam, e, consequência disto, não há razões para lhes atribuir uma existência autônoma, um ser particular. Esta é uma constatação óbvia, mas sem força, como a maior parte das proposições evidentes. Pois, se a realidade de uma língua não é algo de substancial, isto não significa que não seja real. Esta realidade é, ao mesmo tempo, linguística e social. (MEILLET 1977, p.16 *apud* ALKMIM 2003, p. 24)

Bakhtin (1929) faz o caminho oposto às ideias saussurianas com relação a sua postura aos estudos linguísticos, “pois ele traz para o centro dos estudos linguística a noção de comunicação social”. E, além disso, como Alkimin (2003) relata em seu estudo de Introdução à linguística:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN 1929, p. 123 *apud* ALKMIM, 2003, p. 24).

Indiscutivelmente, a fala tem no seu cerne a necessidade da transformação e esse é um processo natural do falante no ambiente o qual estar inserido. Alkimim (2003, p. 32) vai dizer que:

Ao estudar qualquer comunidade linguística, a constatação mais imediata é a existência de diversidade ou da variação. Isto é, toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar. A essas diferentes maneiras de falar, a Sociolinguística reserva o nome de variedades linguísticas. O conjunto de variedades linguísticas utilizado por uma comunidade é chamado repertório verbal.

A língua é o objeto que medeia as relações sociais, dessa forma entendemos que estudar a língua é também estudar o ambiente o qual o falante está inserido, Pois ambos são indissociáveis. Nesse sentido Votre (2008, p. 141), nos diz:

(...) impossível estudar a língua como uma estrutura autônoma, visto que essa é uma estrutura social, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação. O autor afirma que o processo de variação é mudança permite estabelecer três tipos básicos de variação linguística.

A seguir faremos um pequeno panorama de importantes contextos/parâmetros pelos quais são observados a variação e mudança linguísticas. No primeiro momento vamos tratar das variações de cunho regional. As diferenças regionais variam de acordo com a cultura de cada lugar. Entendemos que é a partir da vivência com a cultura do outro é que se pode perceber o quão diferente e importante ela é, e consciente ou não há sempre a chance de assimilar algo do diferente do novo. Por exemplo, a forma como as pessoas se comunicam. É muito comum em uma viagem de férias as pessoas voltarem falando como os nativos do lugar em que estavam, esse contato permite essa assimilação é um processo muitas vezes inconsciente e natural. Além do sotaque, também existem variações nas palavras que são atribuídos ao mesmo objeto, por exemplo, a *tangerina* é um caso dentre tantos. No Sul é conhecida como *bergamota*, em Goiás é *pocan* ou *mexerica*, essas são diferenças que ocorrem dentro do mesmo espaço geográfico Brasil. Há as diferenças externas como por exemplo, Brasil e Portugal: *Carona*: *Boleia*. *golpe*: *burla*, *sobrenome*: *apelido*, *adesivo*: *autocolante*.

Esse conjunto de palavras são comuns no PP tanto quanto PB muda apenas a semântica para ambos os casos. Pode ser que tenha ocorrido um processo de resignificação, o que seria totalmente aceitável, visto que a criatividade humana é um instrumento de perspicácia que está presente o tempo todo na comunicação. Para tanto deixemos o estudo da resignificação para posteriores trabalhos.

Sobre o processo histórico explanaremos de maneira sucinta no que tange a atividade humana em relação às mudanças e as variações linguísticas do PB. Pois não é esse o nosso foco neste presente trabalho. E sim, mais um elemento que o compõe.

A luz das ideias de Faraco (2005, p. 15) revela-nos que:

As mudanças atingem sempre partes e não o todo da língua, o que significa que a história das línguas se vai fazendo num complexo jogo de mutação e permanência, reforçando aquela imagem antes estática do que dinâmica que os falantes têm de sua língua.

É sabido que as mudanças e variações linguísticas são graduais, dessa forma compreendemos que esses processos não são perceptíveis de imediato, até mesmo para um estudioso da área, nesse caso o linguista. Existem inúmeros casos de variações e mudanças na composição das palavras tanto na escrita quanto fala. Um exemplo clássico disso que podemos demonstrar na língua escrita é o PH. No passado escrevia-se *Pharmacia*, *Phelipe* dentre tantas outras palavras dessa categoria, no curso da história houve a necessidade de assumir a forma da pronúncia na escrita, ou seja, a forma semântica assumiu o lugar na escrita, passando a ser *Farmácia* e *Felipe*. Outro caso clássico é *Vosmercê* que passou a ser *você*.

Um dos processos que implicam na mudança e variação das línguas, sem dúvida, é o fato do falante sempre buscar alguma maneira de economia linguística, fato esse, totalmente comum nas línguas de modo geral. Pois as relações humanas sempre serão mediadas pela comunicação. E é por causa da necessidade de comunicação que o indivíduo cria mecanismos para esse fim. Nunca houve na história da humanidade período em que as informações difundissem de forma tão rápida como na presente era.

Essa é a era do rompimento das fronteiras globais, processo este feito por meio da *internet*. Essa ruptura causada pelas redes sociais levam cada vez mais pessoas a querer se conectar com o desconhecido. A dinamicidade e rapidez da comunicação levam os usuários a se envolverem cada vez mais com o mundo

digital em busca de conexões com uma grande quantidade de pessoas, e se a demanda é grande entendemos que há a necessidade de economizar no vocabulário. De tal maneira que o uso das palavras ganham formas abreviadas e esse é um processo já estável. É muito normal a substituição do *Você* por *VC* e porque por *PQ* nas mídias sociais. Essas abreviações, talvez nunca venham firmarem-se na gramática normativa, isso é uma incógnita que pertence somente ao futuro, vai depender de como a língua e os falantes irão se comportar mediante as mudanças impostas pelas tecnologias.

A respeito das variações de cunho social elas acontecem, precisamente, de acordo com cada grupo de pessoas, variando conforme o grau de escolaridade de cada grupo. Uma pessoa que não tem o conhecimento da norma padrão se comunica à sua própria maneira com suas peculiaridades da mesma forma as pessoas com formação técnica. Na verdade todas as formas coexistem em um mesmo espaço geográfico, a norma padrão da língua entra com o intuito de “padronizar” e conter de certa forma as mudanças e variações da língua.

Podemos ainda falar da variação de registro que, segundo a definição de Votre (2008, p. 145), “tem como variantes o grau de formalidade do contexto interacional ou do meio usado para a comunicação, como a própria fala, o e-mail, o jornal, a carta, etc”. Na mesma passagem de referência, o autor apresenta em seu estudo a seguinte afirmação:

(...) na dimensão propriamente social estão as diferenças linguísticas verificadas com a comparação entre o dialeto padrão - considerado correto, superior, puro – e os dialetos não-padrão - considerados incorretos, inferiores, corrompidos. A variante padrão é ensinada na escola e valorizada pelos membros da sociedade, tanto pelos que a dominam como pelos que gostariam de dominá-la, posto que sabem da sua importância para se adquirir prestígio.

Sabemos que a fala e a escrita são modalidades diferentes, mas tem quem insista em dizer que quem fala diferente da escrita comete erro. E o maior equívoco acontece quando afirma-se que uma variante é mais importante do que outra, pois se a função social da língua é comunicar e se essa comunicação

acontece, importa pouco qual variante em questão vai ser empregada. Mas, obviamente, todo juízo de valor que considera ou rebaixa algo como inferior só pode ser atribuído por alguém que pressupõe ser superior ao outro. A esse respeito, Bagno (1999, p. 51) destaca:

É preciso abandonar essa ânsia de tentar atribuir a um único local ou uma única comunidade de falantes o melhor ou pior português e passar a respeitar igualmente todas as variedades da língua, que constitui um tesouro precioso da nossa cultura. Todas elas têm o seu valor, são veículos plenos e perfeitos de comunicação e de relação entre pessoas que a falam.

Notoriamente, a fala e a escrita são formas completamente diferentes, a maneira com que falamos não corresponde com fidelidade à escrita. O ato de falar possibilita a utilização de vários recursos como as repetições, os gestos. A escrita embora haja mudanças, todavia elas acontecem lentamente. É o que nos inteira Faraco (2005, p. 15), que diz:

Além disso, as mudanças atingem sempre partes e não o todo da língua, o que significa que a história das línguas se vai fazendo num complexo jogo de mutação e permanência, reforçando aquela imagem antes estática do que dinâmica que os falantes têm de sua língua.

Esse fato é o que acontece com as variantes em **nós** é **a gente**: tradicionalmente o **nós** é a variante de prestígio utilizada pelas pessoas com um grau maior de escolaridade, enquanto o **a gente** é utilizado pelos demais.

Como esse estudo tem o objeto de pesquisar as variantes **nós** e **a gente**, é relevante, neste momento, que façamos uma revisão da literatura para compor o referencial teórico. Para tanto, exporemos o ponto de vista de alguns gramáticos para sabermos se ambas as formas são contempladas igualmente na gramática normativa. As gramáticas são instrumentos de regulação da linguagem mediante padrões prescritivos, mas a realidade é que nem sempre os autores concordam com as definições empregadas nos manuais. É o caso do pronome **a gente**. Algumas nem mesmo mencionam essa variante tão comum na fala das pessoas. Observemos o que dizem algumas gramáticas.

Cunha e Cintra (2008) dedicam um pequeno parágrafo para discorrer sobre o **a gente**, que diz: no colóquio normal emprega-se **a gente** por **nós**, e também, por eu. O verbo fica sempre na terceira pessoa do singular. Bechara (1963, p. 166), também não é muito diferente, refere-se ao **a gente** enquanto pronome usado "fora da linguagem cerimoniosa", que substitui os pronomes **eu** ou **nós**, o verbo permanece sempre na terceira pessoa do singular. Celso Cunha (1966, p. 301), assevera que o pronome **nós** é substituído por **a gente** com o verbo da terceira pessoa do singular. Said Ali (1950, p. 67) expõe o **a gente** como pronome indefinido, concordando com o verbo na terceira pessoa do singular.

Como podemos observar nas amostras retiradas das gramáticas analisadas, verificam-se discrepâncias entre as definições a respeito do pronome **a gente**. Para um leitor menos preparado, a compreensão dessas definições se tornam difíceis, pois não se sabe ao certo o que querem dizer, o ideal seria que os gramáticos entrassem em um consenso sobre as definições que são atribuídas à forma **a gente**

"A mudança ocorrida que introduz o **a gente** no sistema pronominal não ocorre isoladamente, a motivação pode estar em outros subsistemas da língua, no caso, ao que parece, no paradigma, especialmente, no paradigma verbal" (ZILLES, 2007, p. 31). Segundo Zilles (2007, p. 30) processo de encaixamento linguístico é muito comum nas línguas e esse fenômeno vem acarretando mudanças que estão ocorrendo no paradigma verbal.

O encaixamento linguístico de **a gente**, a exemplo do que ocorreu com a introdução de **você/vocês**, também está, indiretamente, acarretando mudança no paradigma da concordância verbal, apontando para sua redução, já que o mais frequente é encontrarmos o novo pronome seguido de verbo na 3ª pessoa do singular. Contudo, há registros de uso do pronome **a gente** acompanhado de verbo na 1ª pessoa do plural.

Em relação ao referencial teórico concernente à Sociolinguística, podemos dizer que esse ramo linguístico se consolidou por volta da década de 60 com um modelo teórico-metodológico apresentado por William Labov, denominado Teoria

da Variação e Mudança. Nesse modelo proposto por Labov, os dados linguísticos são coletados e, conseqüentemente, faz-se uma análise estatística que possibilita a compreensão dessas amostras contrastivas. Feito isso, o linguista tem em mãos dados que permite atestar qual variante é a mais utilizada e porque acontece do falante escolhe um vocábulo em detrimento do outro. No parágrafo seguinte, Votre (2010, p. 142) esclarece como a abordagem variacionista procura responder questões inerentes a língua. O autor faz a seguinte afirmação em relação a esse tema:

A abordagem variacionista baseia-se em pressupostos teóricos que permitem ver regularidade e sistematicidade por trás do aparente caos da comunicação do dia-a-dia. Procura demonstrar como uma variante se implementa na língua ou desaparece. O termo "variante" é utilizado para identificar uma forma que é usada ao lado de outra na língua sem que se verifique mudança no significado básico. Tomemos, por exemplo, a variação nos pronomes pessoais na primeira pessoa do plural ilustrada com o verbo "falar". Temos as formas "nós falamos" e "a gente fala" como variantes do presente do indicativo. Ambas as expressões são aceitas pelas pessoas em geral, mas a estrutura "nós falamos" é considerada mais formal, enquanto "a gente fala" soa mais coloquial.

A utilização de métodos sociolinguísticos vêm contribuindo muito com os estudos relacionados fala e sociedade é possível compreender fenômenos que outrora passam despercebido, estudos mostram que muitas formas consideradas não padrão ocorrem na fala de pessoas com nível superior em contextos informais. Votre (2010, p. 142) esclarece que é:

(...) graças a metodologia de análise da língua em situação real de comunicação, a sociolinguística consegue medir o número de ocorrências de usos de uma variante e, sobretudo, fazer previsões sobre as principais tendências de uso em relação a essa variante.

Os estudos da sociolinguística ao longo dos anos têm contribuindo muito ao tentar esclarecer aspectos importantes nas transformações linguísticas. É

importante ressaltar que é por meio desses estudos que podemos perceber as ocorrências de termos linguístico que estão passando por uma mudança e variação. Segundo Faraco (2002, p. 39):

(...) a norma culta diz respeito à variedade utilizada pelas pessoas que têm mais proximidade com a modalidade escrita e, portanto, possuem uma fala mais próxima das regras de tal modalidade. O entendimento da grande maioria considera como falante de norma culta apenas às pessoas que têm um nível de escolaridade superior.

Nesse trabalho o uso do **nós** e **a gente** é observado em um ambiente tido como culto, a pesquisa será realizada com alunos do curso de letras da Universidade Brasília, com a finalidade de investigar qual variante é mais utilizada e em que contexto são empregadas as variantes **nós** e **a gente**, se competem entre si ou se existe uma coexistência livre de preconceito. Trabalhar esse tema em um ambiente acadêmico nos permitirá averiguar qual o grau de aceitação do **a gente**, visto que essa variante não é considerada culta. Conforme mencionado, estudos mostram que variantes não cultas são utilizadas por universitários em contextos mais informais. O presente estudo focaliza esse aspecto. O objetivo é verificar a utilização do **a gente** substituindo o **nós**, se essa variante é mais utilizada do que o **nós** na fala e também na escrita, compreender o porque do falante culto escolher uma em detrimento da outra. Será que é possível que uma esteja perdendo espaço ou se apenas coexistem em contextos diferentes.

Para esse trabalho escolhemos os falantes cultos, nesse caso os alunos de letras na Universidade de Brasília. Segundo Faraco (1990, p. 19-20), “as variedades prestigiadas constituem o que chamamos de norma ou variedade padrão; elas representam um ideal de língua cultivado pela elite intelectual, pelo sistema escolar, pelos meios de comunicação social.”

Observamos nesse percurso que a maioria dos nossos informantes era composta por mulheres. Para esse fim, utilizamos questionários que possibilitassem observar se os alunos de letras avaliam positivamente,

negativamente ou de forma neutra em relação a esse fenômeno variável: uso do **nós** é **a gente**. O questionário é composto de dez questões norteadoras, que será disponibilizado para aos alunos do cursos de letras da universidade de Brasília. A opção de se fazer uma pesquisa utilizando questionário escrito é o fato de atender a nossa proposta e também de permitir o nosso informante, o estudante de letras, de pensar como ele analisa essas questões. Dessa forma, mediante as informações adquiridas poderemos analisar como essas duas variantes estão se comportando, atualmente, no ambiente de falante culto.

Nome	Curso	UF
1. Você acha que o uso do pronome <b>a gente</b> é perceptível na fala de pessoas cultas?	Sim (justifique)	Não (justifique)
2. Você acha que o uso do <b>a gente</b> no lugar do <b>nós</b> em ambiente de escrita geraria estigma?	Sim ( Justifique)	Não (Justifique)
3. Na sua compreensão a normal culta e a norma padrão são bem mais aceitas do que a norma popular? Por que?	Sim (justifique)	Não (justifique)
4. Na sua concepção a língua escrita tem mais prestígio que a falada?	Sim (justifique)	Não (justifique)
5. A respeito dos pronomes <b>nós</b> e <b>a gente</b> em que contexto você usa os dois?	Nós (justifique)	A gente (justifique)
6. Você acha que os pronomes <b>nós</b> e <b>a gente</b> cabem em todos os lugares da língua tanto falada como na escrita?	Sim (justifique)	Não (justifique)
7. Assim como o <b>você</b> esta ganhado do <b>tu</b> , você acha que o <b>a gente</b> pode ganhar do	Sim (justifique)	Não (justifique)

<b><i>nós?</i></b>		
<b>8. Para falantes menos escolarizados o <i>a gente</i> é a forma preferida ou não? E os mais escolarizados prefere essa variante? Ou <i>a gente</i> está na preferência de ambas a comunidades?</b>	Sim (justifique)	Não (justifique)
<b>9. Porque se prefere <i>a gente</i> se ele é uma forma com dois elementos, além de ser mais extensa do que <i>nós</i>?</b>	Sim (justifique)	Não (justifique)

Com base na metodologia da Teoria da Variação Linguística desenvolvida por Labov, o presente ensaio utilizou, como método, questionário aplicado aos alunos de letras da Universidade de Brasília com o intuito de saber onde e quando usam as formas ***nós*** e ***a gente***. A escolha desse recurso se deu por questões práticas, dado que o ambiente favorecia para que utilizássemos tal procedimento.

A nossa pesquisa tem como objetivo saber como o falante universitário de letras avalia a questão do uso das variantes ***nós*** e ***a gente*** no cotidiano. Sabe-se que o pronome ***nós*** é a variante de prestígio por outro lado a variante ***a gente*** está presente a todo momento comunicacional e se essa modalidade é tão comum no cotidiano do falante, por que não usá-la também na escrita, mas a realidade não é tão simples como se espera que seja.

Podemos observar, nas respostas dadas pelos/as informantes, que eles/elas reconhecem a dificuldade de se adotar o ***a gente*** na escrita devido os entraves da norma padrão. Nesse sentido as respostas dos pesquisados foram quase que unânimes, escolhendo a opção **sim** e, logo em seguida, dando sua justificativa.

Na pergunta 01 perguntamos, por exemplo, inquirindo sobre o fato de a variante ***a gente*** ser perceptível na fala de pessoas cultas, o informante 06 responde: “Sim, pois mesmo que não percebam, a fala possui características próprias diferentes da escrita e não fazemos seleções tão rigorosas como em

textos redigidos”. Já o informante 03 diz que sim, e justifica dizendo que “necessitaria de uma definição do que seria uma pessoas culta”. Nesse ponto, a pesquisadora intervém e explica que essa é uma expressão corrente da língua portuguesa. De fato a expressão culta é muito usada para atribuir às pessoas que estudaram e conseguiram alcançar o nível superior.

Na questão 02 queremos saber se o uso do **a gente** no lugar do **nós** geraria estigma na escrita, pois, como mencionado anteriormente, o pronome **a gente** tem lugar na fala e pelo que percebemos até mesmo com mais frequência do que o **nós**. Mas a questão aqui é saber se isso também acontece na escrita. Todos os entrevistados concordam que sim, geraria estigma, visto que esse substantivo que está ocupando posição de pronome no português brasileiro da atualidade ainda não migrou totalmente para a escrita. Para que houvesse aceitação da variante **a gente** na escrita os gramáticos teriam que mudar os paradigmas gramaticais em relação ao uso desse pronome.

Na resposta 03, queremos averiguar se existe a ocorrência de preconceito linguístico em relação à escrita. O preconceito linguístico, assim como outras formas de discriminação é muito presente na nossa sociedade brasileira, as pessoas por falta de conhecimento perpetuam uma conduta inapropriada em relação à fala do culto e o não culto.

Há uma gama de estudiosos do tema envolvendo a sociedade no ambiente de fala, que tentam desmistificar essa ideia do falar melhor (culto) ou pior (não culto) que tem trabalhando para desmistificar essas ideias arraigadas culturalmente. Dentre tantos podemos citar o seguinte excerto da obra “*Preconceito Linguístico*” do professor, Bagno.(2004, p. 47):

Não existe nenhuma variedade nacional, regional ou local que seja intrinsecamente “melhor”, “mais pura”, “mais bonita”, “mais correta”, que outra. Toda variedade linguística atende às necessidades das comunidades humanas que a empregam.

Essa realidade preconceituosa, também se aplica ao falar regional. Um exemplo bem conhecido de todos é a fala dos nordestinos, que é tido como um

falar jocoso digno de ser ridicularizado em meios de comunicação em exposições novelescas, a presença desse falar configura-se objeto de humor que serve apenas para arrancar risos.

Na questão 04, indagamos os informantes com o intuito de saber se a língua escrita tem mais notoriedade que a falada. Cientes dos paradigmas que compõe essas duas modalidades os falantes cultos seguem a mesma linha de pensamento. Sobre tal questão ilustramos com a resposta do participante 05 o qual justifica da seguinte forma: "Sim, já que esta exige um cuidado maior e não é tão dinâmica quanto a fala".

Do ponto de vista pessoal, todos nós sabemos que quem detém o conhecimento detém o poder, a escrita é usada por muitos anos e essa é uma forma de manter certas tradições. A maneira encontrada para validar uma fala se faz por meio da escrita, as leis, os decretos, Todos os atos importantes da sociedade se validam com a escrita. Por isso essa modalidade é tão rígida e considerada por muitos como mais importante do que a modalidade falada. Segundo informa Ataliba (2010, p. 219-220):

A língua falada o sentido está no contexto, ao passo que a língua escrita o sentido está no texto. Ao sequenciar as letras que constitui as palavras, e ao sequenciar as palavras que constitui o texto, vamos criando sentidos inteiramente dependentes desse *medium*. O mesmo não se dá na língua falada, em que o sentido é construído dialogicamente, e não pode ser inteiramente encontrado, por exemplo, nas transcrições dessa modalidade.

Na questão 05 procuramos saber em que utilizam o **nós** e o **a gente**. A maioria concordam que a utilização do **nós** é comum na escrita e o **a gente** na oralidade. Embora seja muito comum utilizarmos o **a gente** e ouvirmos até mesmo nos telejornais essa variante, não tem o devido respaldo na escrita.

Na questão 06 grande parte concordam que o uso do **a gente** caberia na escrita, mas que na fala seria mais aceitável, pois não é tão monitorada quanto a escrita. Quando se trata do uso do **a gente** em textos importantes o grande

entrave consiste na falta de prestígio social, é o que nos informa SCHMITZ (2006, p. 44), que nos diz:

O uso de '**a gente**' ainda não tem prestígio oficial, sendo considerado pouco apropriado em textos escritos formais, como requerimentos, teses e dissertações, textos jurídicos, procurações, editais, alvarás, atestados, declarações, escrituras, leis e boletins de ocorrência. Num exame de textos jornalísticos, podemos observar que '**a gente**' como pronome [pessoal] não ocorre em editoriais.

Na questão 07 grande parte dos informantes pensam, que talvez no futuro o **a gente** seja utilizado com mais frequência na escrita. Como foi dito na questão anterior e reforçado pela fala de Schmitz, a falta de uso em textos prestigiados é um entrave para que o **a gente** se torne um pronome de uso comum tanto quanto o **nós**.

Na questão 08 os entrevistados concordam que o **a gente** é usado por ambas as comunidades, que o uso não é uma questão de escolarização. O uso do **a gente** só é um entrave quando se trata da escrita prestigiada.

Na questão 09 procuramos saber dos nossos entrevistados sobre a preferência em usar a variante **a gente** "Creio que é pela facilidade da fala. Não é necessário conjugar o verbo para a 1ª pessoa do plural". Grande parte dos informantes têm o conhecimento de que o uso da variante **a gente** por falantes escolarizados ou não se dá pela facilidade que o pronome oferece na hora da comunicação. A tendência à economia é um processo inerente à própria língua, que segundo sua função primordial de comunicação, busca o conforto e o menor esforço na emissão e decodificação da mensagem.

Ao analisarmos o uso do **nós** e **a gente** no ambiente universitário neste estudo, o intuito era saber em que momento as variantes citadas são utilizadas. A pesquisa visou entender se o vocábulo **a gente** é bem aceito na fala e na escrita. Conforme fomos avançando na pesquisa e nas análises, verificamos que o **nós** ainda é a variante de prestígio e o **a gente** permanece restrito à fala, quando na escrita apenas em textos que permitem licença poética.

O segundo objetivo visou compreender quais os fatores que levam o falante a escolher uma variante em vez da outra. Percebemos que a escolha da forma depende do ambiente para ser empregada. Sendo o **nós** a variante de prestígio, preferencialmente, ela permanece na escrita e na fala sem sofrer qualquer forma de estigma. Entretanto, com ressalva, se colocada da forma correta com todas as flexões que são inerentes ao pronome em questão. No caso do **a gente**, embora seja uma forma que está no ápice da fala dos cultos e não cultos, ela não tem lugar nas formas textuais que carecem de certo grau de prestígio e formalidade.

Observamos, também, que as gramáticas referem-se ao uso do **a gente** de maneira inconsistente, limitando-se apenas a um pequeno comentário. Talvez, essa seja a razão pela qual o pronome em questão seja tão desprestigiado, pois o nosso manual de regulação da língua portuguesa não o apresenta como sendo um pronome de igual importância como o **nós**.

Concluimos cientes de que este ensaio nos impactou positivamente e nos fez compreender o quão complexa é a língua. Comunicar é um ato simples, mas que é de uma grandeza singular. E, com relação à variação estudada entre os pronomes **nós** e **a gente**, podemos dizer que as mudanças linguísticas acontecem de forma lenta e gradual e somente um olhar atento dos estudiosos da linguagem e as teorias linguísticas conseguem captá-la. Esse é um fenômeno complexo, não sendo o nosso propósito não dar conta dele como um todo. Pretendemos com esse trabalho entender alguns aspectos que envolvem a mudança e variação linguística; objetivo alcançado com bastante propriedade ao se analisar as respostas dadas pelos informantes nas perguntas da entrevista que compuseram o teste de percepção.

Daqui em diante, lançamos o desafio a outros e fazemos o convite a quem possa se interessar para dar continuidade aos estudos variacionistas que desvendam e mostram a riqueza do universo singular da linguagem.



## Bibliografia

Alkimim, T. (2003). *Introdução à Linguística domínios e fronteiras* (Vol. 1). São Paulo: Cortez.

Ataliba, T., & Castilo, d. (2010). *Nova Gramática do português Brasileiro*. São Paulo: Contexto.

Bagno, M. (1999). *Preconceito Linguístico* (34ª ed.). São Paulo: Loyola.

Bakhtin, M. (1990). *Marxismo e filosofia da linguagem* (Vol. 5ª ed.). São Paulo: Hucitec.

Becara, E. (1999). *Moderna Gramática Portuguesa* (37ª ed.). Rio de Janeiro: Lucerna.

Cunha, C. (1966). *Manual de Português*. Rio de Janeiro: Livraria São José.

Cunha, C., & Cintra, L. (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (5ª ed.). Edições Sá de Costa .

Faraco, C. A. (s.d.). *Linguística histórica uma introdução ao estudo das línguas*. Ática.

Faraco, C. P. (2008). *Cultura Brasileira desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola.

Meillet, A. (1977). *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Klincksieck.

Said, A. M. (1950). *Pessoas Indeterminadas* . Lisboa.

Schmitz, J. R. (l). *Coisa da Gente. Revista Língua Portuguesa*, 44-46.

Votre, S., & Cezario, M. (2008). *Sociolinguística*. São Paulo: Contexto.